

Gênero e classe: a historiografia da Nova História catarinense a partir das produções do PPGH-UFSC nos anos 90

Gender and class: the historiography of the New History in Santa Catarina, rising from the productions of the PPGH-UFSC in the 90's

Juliana Panchiniak Fernandes

juliana.panchiniak@gmail.com

Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: Neste artigo buscamos debater e compreender porque a Nova História catarinense, em sua produção historiográfica após a fundação do PPGH-UFSC, não articulou a categoria gênero à categoria classe, partindo da compreensão que as vivências relacionadas ao gênero estão imbricadas às experiências consequentes da classe social a qual as mulheres fazem parte, no caso específico desta pesquisa, a classe trabalhadora foi escolhida por sua atuação sobre a economia. Nossa intenção é refletir sobre a interdisciplinaridade dentro da própria História e seus reflexos nas produções acadêmicas dos anos 90 pelo PPGH – UFSC.

Palavras-chave: Historiografia; Gênero; Classe trabalhadora; PPGH – UFSC.

Abstract: In this article we tried to debate and understand why the New History of Santa Catarina, in its historiographic production after the founding of the PPGH-UFSC, did not articulate the category women and gender into the category of class, starting from the understanding that the experiences related to the gender are imbricated to the consequent experiences of the social class to which the women are part, in the specific case of this research the working class was choose for it's actions over the economy. Our intention is to think about the interdisciplinary within History itself and its reflections in the academic productions of the 1990s by PPGH - UFSC.

Keywords: Historiography; Gender; Working class; PPGH – UFSC.

Introdução

Gostaríamos de iniciar este artigo explicando que o mesmo não se trata de uma crítica à historiografia da Nova História catarinense. Aos grandes mestres e mestras que orientaram, aos historiadores e historiadoras que deram um novo olhar e uma nova forma de escrever a história de Santa Catarina nos anos 90, só temos a agradecer pelas contribuições, dedicação e interesse em mostrar uma história além do factual e apontar outros agentes que até então eram ignorados.

No entanto, entendemos ser de fundamental importância apontar as mulheres como sujeitos sociais carregados por relações de gênero e classe - na perspectiva em que atuam



como força de trabalho e que seus reflexos apresentam-se em uma economia - mundo¹ ao longo dos tempos, sendo seu próprio trabalho² uma mercadoria, algo que percebemos faltar na produção dos anos 90.

Cabe ressaltar que não estamos ignorando que as mulheres da elite também constituem uma classe, assim como destacar que esta pesquisa não se deu pelo intuito de apresentar pautas de um feminismo classista – nosso diálogo é com abordagens que percebem que três condições sociais do sujeito (gênero, classe e raça) estão imbricadas umas às outras, portanto as narrativas e realidades se diferem, não sendo apenas a condição enquanto mulher que coloca estas agentes nos mesmos paradigmas.

Como esclarecemos acima, buscamos conhecer e compreender as produções que articularam (ou não) duas categorias (gênero e classe) para explicar fatos econômicos e entender porque as abordagens utilizadas foram escolhidas. Estamos cientes que uma resposta simples ao nosso problema poderia se dar apenas com “eles e elas não escreveram por esta perspectiva porque não desejavam”, porém, como a própria Escola dos Annales colocava, é preciso um olhar mais atento às histórias, é preciso problematizar³, e aqui consideramos como possível problema a não alocação da categoria gênero fora de suas perspectivas culturais e subjetivas⁴.

A fundação do Programa de Pós-Graduação em História pela Universidade Federal de Santa Catarina oportunizou a melhor profissionalização dos historiadores e historiadoras, como também trouxe novos ares para a produção historiográfica que passava a flertar os preceitos teórico-metodológicos da escola dos Annales⁵ de 1929. Embora a escola e suas ideias já contassem com as contribuições de Braudel nos anos 80, é perceptível no campo dos estudos de gênero em Santa Catarina a pouca utilização das perspectivas da História

1 Aqui estamos tratando do conceito criado por Fernand Braudel no qual uma economia-mundo se define, entre outras coisas, como um centro, representado por uma cidade dominante que faz parte de um todo econômico e que tem zonas que atuam como agentes sobre este centro, conectando espacialmente as histórias e a economia entre estas zonas e seu centro (BRAUDEL, 1987: 68 – 69).

2 Trabalho enquanto atuação direta na alteração da natureza de algo para outra coisa que se atribua valor monetário.

3 GONÇALVES, Janice, MATOS, Felipe. Entre a colheita e a sementeira: o Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Catarinense e a historiografia catarinense. In. Maria Bernardete Ramos e BRANCHER, Ana Lize (orgs). **Historiografia 35 anos**. Florianópolis; Letras Contemporâneas, 2011. Ver os apontamentos dos autores que tratam das contribuições da Escola dos Annales logo nas páginas iniciais.

4 Gilmária Salviano Santos em um levantamento sobre o uso da categoria gênero na História desde os anos 1990, o aloca em diversas abordagens que enquadram inúmeras problematizações, no entanto, em nenhuma das elencadas pela autora aparece a categoria como reflexo de desdobramentos econômico, apenas como consequências sociais. RAMOS, Gilmária Salviano. Nas tramas dos estudos de gênero: problematizando apropriações. In. Maria Bernardete Ramos e BRANCHER, Ana Lize (orgs). **Historiografia 35 anos**. Florianópolis; Letras Contemporâneas, 2011. p. 110.

5 GONÇALVES e MATOS, 2011.



Econômica e a prevalência da História Cultural⁶. Tal falta de uso e sua justificativa, pode ser percebida pelo que diz a historiadora Cristina W. Scheibe:

(...) alguns estudos de história econômica tendem a colocar nas tabelas de dados numéricos toda ênfase, muitas vezes deixando de apresentar outras possibilidades de interpretação dos dados e mesmo de descrever como foram obtidos. Desta forma, embora com um objeto de estudo delimitado tematicamente, muitos estudos acabam por mostrar-se muito semelhantes àqueles que descrevi como *tradicionais*, pois pretendem que os números assegurem sua objetividade e geralmente apresentam uma história *vista de cima*, já que estes números são obtidos normalmente em documentos oficiais⁷.

Porém, para mantermos a integridade e honestidade intelectual, cabe ressaltar que a professora da Universidade Federal de Santa Catarina supracitada, está se referindo à historiografia catarinense de forma geral, não colocando como foco a questão de gênero na produção da escrita da história. No entanto, esta passagem de um artigo de uma das docentes responsáveis por uma das linhas de pesquisa do Programa alvo de nossa pesquisa, nos levou ao problema central da mesma: por que a historiografia da Nova História catarinense não articulou⁸ as categorias gênero e classe⁹ em suas análises e histórias(?).

É certo que podemos falar que estamos considerando a união das duas categorias por simpatia às histórias que atentem à longa duração, ou seja, as estruturas, por nossa aproximação com a História Global e do Trabalho e, também, por acharmos fundamental para a História que quando se fale em gênero na História¹⁰, se fale do reflexo do trabalho das mulheres na economia. Não nos atrevemos a dizer que todos e todas historiadoras devem estudar as histórias e contá-las apenas sob uma perspectiva, muito menos acreditamos que

6 Aqui partimos do que a obra de CARDOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História: Ensaio de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997, nos aponta como metodologia e teoria, podendo História Econômica ser resumida como aquela que considera em suas análises as conjunturas e estruturas econômicas, e a História Cultural como aquela que, segundo Francisco Falcon no mesmo livro supracitado, se faz pelo “estudo da cultura no sentido antropológico, inclusive as concepções ou visões de mundo e as mentalidades”.

7 WOLFF, 2009: 59.

8 Estamos utilizando a expressão “categorias articuladas” a partir do livro *Couro Imperial* de Anne McClintock, a qual em seu subtítulo *Gênero, Raça e Classe: categorias articuladas*, nos esclarece sobre a metodologia e a necessidade de trabalhar as categorias de forma unificada. Para melhores informações sobre o assunto sugerimos a leitura de McCLINTOCK, Anne. *Raça, classe e gênero, categorias articulas*. In.: **Couro Imperial: Raça, gênero e sexualidade no embate colonial**. Campinas: Unicamp, 2010. pp 4 – 9

9 Apontamos que “classe” nesta pesquisa diz respeito à classe social, ou seja, às realidades consequentes das condições materiais, sociais e culturais de um grupo de indivíduos.

10 Nesta pesquisa estamos nos utilizando da ideia de gênero enquanto categoria analítica para a História pelo que nos apresenta a historiadora SCOT, Joan Wallach, em *Gênero: uma categoria útil para análise histórica*. Recife: **SOS Corpo**, 1991. Para a pesquisadora há uma intersecção de gênero com raça e classe, e as desigualdades de poder social são constituídas com base nessas três condições.



exista um único método correto de análise, somente procuramos entender porque anos após a fundação do PPGH-UFSC a história não se contou também desta forma. Tendo isto posto, partamos para apresentação da história da historiografia catarinense dos anos 90 produzida por estudantes que obtiveram grau de mestre pelo PPGH-UFSC.

A historiografia catarinense dos anos 90 produzida por estudantes do PPGH-UFSC

Nos anos 90 foram defendidas 56 dissertações que focavam Santa Catarina¹¹, porém, como nosso objeto se faz sobre duas categorias, nosso filtro partiu da busca destas. Encontramos dissertações que se utilizaram da categoria “gênero”¹², no entanto não articulada à “classe”, o mais próximo desta junção foi a dissertação de Carlos Renato Carola, pós-graduando orientado pela professora Joana Maria Pedro, mais adiante voltaremos neste caso. Para o momento mostraremos algumas das dissertações elaboradas considerando a categoria “gênero” e/ou “mulher” e daremos também alguns exemplos alheios ao nosso objeto – apenas para mostrarmos um pouco da produção historiográfica da época e entendermos os diálogos entre métodos e abordagens utilizadas.

Em 1997 a historiografia de Santa Catarina sobre a história do Estado e o Programa de Pós-Graduação em História puderam contar com as contribuições de Paulete Maria Cunha dos Santos, Juçara Nair Wolff e Carlos Renato Carola. A primeira, em sua dissertação intitulada “Protocolo do bom cidadão – Série Fontes: lições de moral e civismo na organização da educação em Santa Catarina (1920 – 1950)”, nos apresenta como uma ‘série de livros (série Fontes) era utilizada nas escolas públicas para “modelar condutas e difundir valores”¹³. Estas condutas eram as desejadas por um Estado que passava por um recrudescimento nacionalista. A pesquisa da autora acaba então por revelar o projeto educacional e social da época, porém sua análise não é feita com utilização da categoria “gênero”, tampouco a de “classe”.

A segunda, como seu próprio título sugere, não se utiliza de “classe” enquanto categoria analítica para desenvolver seus argumentos e metodologia. Sua dissertação, nomeada como “Espaços de sobrevivência e sociabilidade: uma *análise do cotidiano* em São Carlos/SC - 1930-1945” (grifos nossos) expõe as relações sociais e de poder a partir da

11 GONÇALVES, Janice. Arquivos e historiografia sobre Santa Catarina (1977-2002). ANPUH – XXII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – João Pessoa, 2003.

12 Cabe lembrar que, conforme entrevista concedida em abril de 2018 pela doutora em História e professora do departamento de História da Universidade Federal de Santa Catarina, Joana Maria Pedro, nos anos 90 a categoria mais utilizada ainda era “mulher” e não tanto “gênero”.

13 SANTOS, 1997.



perspectiva cultural e não houve utilização de fontes que levassem a análises sobre a história econômica, nem o uso de classe enquanto categoria analítica.

Já o terceiro autor daquele ano, nos traz em sua dissertação chamada “Dos Subterrâneos da História: as trabalhadoras das minas de carvão de Santa Catarina (1937 – 1964)”, uma expressão das duas categorias analíticas em soma. A pesquisa contou com a orientação da professora Joana Maria Pedro, a qual atualmente participa da linha de pesquisa Histórias entrecruzadas de subjetividades, gênero e poder.

A elucidativa pesquisa de Carlos Renato Carola não apenas desmistifica as minas de carvão como um espaço de trabalho exclusivamente masculino, como aponta expressões do universo daquelas trabalhadoras, desde a vida no ambiente de trabalho à vida doméstica e as relações de poder que envolvem gêneros, “a hierarquia das diferenças de gênero”¹⁴.

Prezando pelo aspecto social o autor nos conta em pormenores a condição feminina daquelas mulheres como trabalhadoras das minas, porém, não condiciona o trabalho das mesmas a um sistema mais amplo que abrace todas as relações, não as coloca em uma perspectiva econômica. Embora tenha se utilizado de autores como E. P. Thompson e Karl Marx, o “trabalho” entrou apenas como cenário e parte das realidades subjetivas, ou seja, não foi analisado como uma categoria articulada à categoria “gênero” e seu reflexo na economia. Porém o autor considera que as duas categorias possam ser trabalhadas de forma conjunta:

Entretanto, é importante salientar que as relações de classe não são suficientes para explicar o processo de constituição das classes. As relações de gênero, bem como outras questões culturais, precisam ser incorporadas em nosso instrumental de análise¹⁵.

Passando para 1998, temos a dissertação “Lembranças Íntimas de minha Avó: Partos, Parteiras e outras Histórias em Treze de Maio – SC” de Karen Christina Réchia, a qual calca-se na cultura popular para contar uma história. No caso desta dissertação, a pesquisadora se utilizou das memórias das viventes da época recortada e também de fontes impressas. A escolha de fontes já nos aponta os caminhos da pesquisa e da metodologia utilizada, mas basta lermos o próprio resumo da autora para compreendermos que no estudo não há a utilização da categoria “classe”, embora fale de práticas de trabalho. Segue seu resumo:

14 CAROLA, 1997, p. 208.

15 CAROLA, 1997, p. 13.



Este trabalho tem por objetivo dar visibilidade à prática cultural das parceiras, através da memória feminina, entre os anos 1930 e 1960, no município Treze de Maio (SC), bem como analisar a substituição desta prática cultural, por um conhecimento médico-científico¹⁶.

Avancemos a 1999 com a dissertação de José Henrique Nunes Pires chamada de “Cinema e História: José Julianelli e Alfredo Baumgarten, pioneiros do Cinema Catarinense”. Este estudo cabe a nossa pesquisa devido ao ano de defesa, porém não pode nos auxiliar, uma vez que a referida dissertação não trate de “gênero”, nem de “classe”.

Agora podemos partir às elucidações sobre o debate historiográfico da época e o próprio currículo do curso da pós-graduação e também da graduação¹⁷, para assim podemos ampliar nossa compreensão relativa às narrativas e métodos de análise da produção historiográfica do PPGH-UFSC nos anos 90. Dos anos 80 ao início dos anos 90, boa parte das dissertações teve influência de orientadores estrangeiros, somente a partir de 1994 haverá uma maior participação dos/as docentes locais, como a professora Joana Maria Pedro e Maria Bernadete Ramos¹⁸. É cabível dizer que a formação de orientadores/as e suas linhas de pesquisa têm forte influência sobre seus orientandos e orientandas, o que pode nos explicar as pesquisas desenvolvidas pelos pós-graduandos/as. Conforme Gonçalves

(...) nas dissertações de mestrado defendidas até 1993 predominam as preocupações com a história demográfica, a história econômica e a história política ou político-administrativa, cabendo considerar ainda os esforços de sistematização e disponibilização de dados acerca da documentação de interesse para a história de Santa Catarina, na forma de instrumentos de pesquisa (esforços que são visíveis nos trabalhos orientados pelo professor Aníbal Abadie-Aicardi). *A última década* assinalou a aproximação cada vez mais acentuada do Programa em relação à chamada "história cultural", de tal forma que veio a tornar-se a própria área de concentração das dissertações e teses. (grifos nossos)¹⁹.

Portanto podemos entender a influência da História Cultural e a falta e/ou poucas análises que tratassem da história pela perspectiva da História Econômica a partir dos anos 1993 – De acordo com Gonçalves, não seria recorrente a quem trabalhava com “gênero” na

16 RÉCHIA, 1998, p. 3.

17 Optamos por voltar a uma etapa anterior à pós-graduação por entendermos que muitos dos e das estudantes que participaram do Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina foram discentes da mesma universidade e curso de História enquanto na graduação, o que pode nos ajudar a entender melhor as escolhas e influências nas pesquisas de mestrado do PPGH – UFSC.

18 GONÇALVES, 2003.

19 Ibidem, 2003: 4 e 5.



época dos anos 1990, articulá-lo à “classe” para apresentar uma história que tratasse de estruturas de longa duração em Santa Catarina.

Mas isso ainda não responde à pergunta de nosso problema. É preciso compreender mais, afinal, até o fim dos anos 1980 e início dos 1990 a influência da perspectiva braudeliana é percebida, sendo o trabalho “Evolução histórico-econômica de Santa Catarina: estudo das alterações estruturais (século XVII a 1960)”, publicado em 1980 por Américo Augusto da Costa Souto, um dos marcos de ruptura²⁰ com a História Tradicional Catarinense.

Aqui entraremos na discussão acerca do currículo do curso de História da Universidade Federal de Santa Catarina, para podermos entender um pouco mais sobre o ambiente da academia, assim como, um pouco mais sobre os debates que circulavam em seus corredores. O currículo²¹ oferecido para o curso de História da Universidade Federal de Santa Catarina manteve - se o mesmo de 1991 até 2007. Nele percebemos uma grande influência dos estudos de gênero com as diversas disciplinas optativas oferecidas (tópicos especiais e laboratórios de ensino), e poucas disciplinas que fossem permeadas pela História Econômica.

Pelas ementas das disciplinas que ofereciam este novo olhar sobre a História e se preocupavam em contar uma Nova História pela perspectiva dos que antes eram ignorados pela historiografia, podemos inferir que a influência maior vinha da História Cultural, como, por exemplo, o tópico especial “Revolução Sexual e Guerra Fria: os anos 60 e 70 do século XX”, em que movimentos específicos como o estudantil e o feminista eram abordados, ou ainda o tópico especial “História, Gênero, Religião e Teologia Feminina”, que debatia gênero a partir das relações de poder e também discutia o movimento feminista.

Para além do currículo, partindo aos debates, podemos deduzir, pela própria dissertação de Carlos Renato Carola, orientado pela Professora Joana Maria Pedro, que já havia na época a discussão que situava as mulheres ao mundo do trabalho, não havendo apenas sua associação explicativa da esfera econômica e seus reflexos na sociedade.

Pelas vistas do currículo o caminho dos e das estudantes dos anos 90 era traçado de forma a não aprofundar pelas disciplinas obrigatórias nem a questão de gênero, nem a de classe, e nem mesmo História Econômica, a qual também foi relegada a tópicos especiais,

20 Janice Gonçalves no seu trabalho Arquivos e historiografia sobre Santa Catarina (1977-2002), apresentado no – XXII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – João Pessoa, 2003, se utiliza dos entendimentos de Dalbrida e Cristina W. Scheibe sobre a separação entre História Tradicional e Nova História catarinense, assim como também coloca o trabalho de Américo Augusto da Costa e Souto como uma prova do que diferia e separava uma vertente da outra.

21 Conseguimos acesso ao currículo da época através da Secretaria de Coordenação do curso de História da universidade, infelizmente o mesmo não pode ser encontrado on-line.



portanto as pesquisas e interesses só poderiam se dar pela escolha de disciplinas optativas durante a graduação e pela linha de pesquisa que orientasse a pós – graduação de cada. No caso das linhas de pesquisa do PPGH-UFSC, aquela que estuda “gênero” como categoria analítica tem como parte de sua ementa o foco na “*constituição de subjetividades* hierarquizadas e suas interfaces com outras categorias das relações sociais tais como classes, etnias, sexualidades e gerações.”. As abordagens sobre as *vivências dos agentes* ativos que sua história propõe, conforme ementa, se faz de método a apresentar os contextos culturais e as relações de poder a ele inerentes²².

Considerações finais

Após este nosso levantamento de produções e discussões no âmbito acadêmico e por dentro do PPGH-UFSC, podemos constatar que a não articulação de “gênero” à “classe” pelo aspecto amplamente econômico²³ deu-se pelos diálogos internos entre orientandos/as e orientadores/as e externos com autoras como Michelle Perrot, Joan W. Scott e a filósofa Judith Butler, influenciadas pelo pensamento pós-estruturalista que predominava na França. Para além das pesquisas teóricas, também devemos mencionar que o movimento feminista no ocidente experimentava a sua terceira onda, “cuja proposta concentra-se na análise das diferenças, da alteridade, da diversidade e da produção discursiva da subjetividade”²⁴, o que certamente também influenciou as leituras, metodologia e escolha de objetos.

Os estudos de gênero da época escolhida como recorte desta pesquisa, se deram em um momento em que o campo de estudo sobre as mulheres e sobre sexos, se deslocou para o estudo das relações de gênero²⁵, estas passaram a ser interpretadas a partir dos sujeitos e suas

22 Informações disponíveis em: <http://ppghistoria.ufsc.br/linhas/>. Acessado em: 04/04/2018.

23 Novamente voltamos a interpretação que vincula classe a economia - mundo, não sendo o trabalho apenas um cenário e local de vivências subjetivas, mas sim uma atividade sobre a qual o ser humano emprega sua força para alterar a natureza de alguma coisa resultando em algo com valor monetário, como já posto na página 02 deste artigo. Esta força é explorada por um sistema econômico que se enreda em variadas e amplas redes que são interligadas globalmente, sendo por isto a nossa escolha em nos utilizarmos da ideia de “aspecto amplamente econômico”.

24 NARVAZ; KOLLER, 2006, p. 649.

25 As produções mencionadas até então foram elaboradas nos anos 1990. Infelizmente, para nosso recorte, ainda há pouca historiografia que traga mulheres e/ou gênero. Também cabe ressaltar que os estudos de gênero foram se modificando ao longo do tempo, sendo que a predominância antes dos anos 2000 era da categoria “mulher” com maior parte de leituras que expusessem relações familiares e o patriarcado. A partir dos anos 2000 o discurso toma outra forma, a categoria se reconfigura para “gênero” e a sexualidade entra em voga. Para melhores informações da história da historiografia sobre a temática recomendamos a leitura de RAMOS, Gilmária Salviano. Nas tramas dos estudos de gênero: problematizando apropriações. In. Maria Bernardete Ramos e BRANCHER, Ana Lize (orgs). **Historiografia 35 anos**. Florianópolis; Letras Contemporâneas, 2011.



subjetividades, sendo assim, o foco das pesquisas não se dava pelo viés da História Econômica, pois encarava as agentes das histórias de forma mais próxima às suas experiências pessoais e culturais a partir das relações de gênero, não atrelando essas vivências como consequência de suas condições sociais advindas de sua classe social e nem com a estrutura econômica em que as mesmas agiam sobre – a partir de sua força de trabalho e produção, assim como também eram sujeitas – como aquelas que vivenciavam as consequências de uma economia capitalista.

Referências

BOCK, Gisela. História das mulheres, história do gênero. In. **Penélope** – Fazer e desfazer a História. Florença, n. 4, 1989.

BRAUDEL, Fernand. **Escritos sobre a História**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1978

_____. **Civilização Material, Economia e Capitalismo: Séculos XV – XVIII. O Jogo das Trocas**. Vol II. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2009.

_____. **A Dinâmica do Capitalismo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

BURKE, Meter. **A escrita da história**. Novas Perspectivas. Tradução Magda Lopes. Editora Unesp, 1992.

CARDOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História: Ensaio de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CAROLA, Carlos Renato. **Dos subterrâneos da história: as trabalhadoras das minas de carvão de Santa Catarina (1937-1964)**. Florianópolis, 1997. Dissertação (Mestrado em História) - Curso de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina.

GONÇALVES, Janice, MATOS, Felipe. Entre a colheita e a sementeira: o Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Catarinense e a historiografia catarinense. In. Maria Bernardete Ramos e BRANCHER, Ana Lize (orgs). **Historiografia 35 anos**. Florianópolis; Letras Contemporâneas, 2011.

GONÇALVES, Janice. Arquivos e historiografia sobre Santa Catarina (1977-2002). **Anais da Anpuh – XXII Simpósio Nacional de História** – João Pessoa, 2003.

MARTINS, Ana Paula Vosne. Possibilidades de diálogo: classe e gênero. **História social, Campinas** – São Paulo, n. 4/5, pp. 135 - 156, 1997/1998.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política**. Vol I. São Paulo: Difel. 1985.

Também corrobora com nossa afirmação a entrevista concedida em abril de 2018 pela doutora em História e professora do departamento de História da Universidade Federal de Santa Catarina, Joana Maria Pedro, a qual nos disse que nos anos 90 a categoria mais utilizada ainda era “mulher” e não tanto “gênero”.



McCLINTCOC, Anne. **Couro Imperial**: Raça, gênero e sexualidade no embate colonial. Campinas: Unicamp, 2010.

MORGA, Antônio Emílio (org). **História das Mulheres de Santa Catarina**. Argos e Letras Contemporâneas: Chapecó. 2001.

NARVAZ, Martha Giudice, KOLLER, Sílvia Helena. Metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política. **Psicologia em estudo**, Maringá, v. 11, n. 3, 2006.

PINSKY, Carla Bassanezi. Estudos de Gênero e História Social. **Estudos Feministas**. Vol. 17, No. 1, 2009, pp. 159-189.

PIRES, José Henrique Nunes. **Cinema e História**: José Julianelli e Alfredo Baumgarten, pioneiros do Cinema Catarinense. Florianópolis, 1999. Dissertação (Mestrado em História) - Curso de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina.

RAMOS, Gilmária Salviano. Nas tramas dos estudos de gênero: problematizando apropriações. In. Maria Bernardete Ramos e BRANCHER, Ana Lize (orgs). **Historiografia 35 anos**. Florianópolis; Letras Contemporâneas, 2011.

RÉCHIA, Karen Christina. **Lembranças Íntimas de minha Avó**: Partos, Parteiras e outras Histórias em Treze de Maio – SC. Florianópolis, 1998. Dissertação (Mestrado em História) - Curso de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina.

SANTOS, Paulete Maria Cunha dos. **Protocolo do bom cidadão - Série Fontes**: lições de moral e civismo na organização da educação em Santa Catarina (1920-1950). Florianópolis, 1997. Dissertação (Mestrado em História) - Curso de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina.

SCOT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. **SOS Corpo**, Recife 1991.

WOLFF, Cristina Scheibe. Historiografia catarinense: uma introdução ao debate. **Revista Santa Catarina em História**, v.1, n.1, 2009. Universidade Federal de Santa Catarina.

WOLFF, Juçara Nair. **Espaços de sobrevivência e sociabilidade**: uma análise do cotidiano em São Carlos/SC - 1930-1945. Florianópolis, 1997. Dissertação (Mestrado em História) - Curso de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina.

Recebido em 06 de julho de 2018.

Aceito para publicação em 13 de dezembro de 2018.

